

Stadium

N.º 109 * 4 DE JANEIRO DE 1945 * PREÇO 1\$50

REV 307A



VER
NESTE
NUMERO

....
grande reporta-
gem do jogo de
«handball»
PORTO-MADRID
com uma apre-
ciação do jorna-
lista espanhol
James Garcia
feita expressa-
mente para a
STADIUM

Domingos Vicente

O jogador mais em destaque
no encontro de «handball» Lisboa-Madrid

O I LISBOA-MADRID

NUMA PRIMOROSA EXIBIÇÃO DE JÔGO

a selecção de Lisboa venceu a de Madrid por 8-1

(«Goals» de Vicente (3), Tomás, Matos Moura, Neves e Alejandro)

FOI auspiciosa a estreia internacional dos nossos «handbalistas»: vitória absolutamente certa contra uma equipa regional, que lhes permite ambições para longos vôos, mas cujo significado mais abona pelo valor da própria exibição do que pelo valor do confronto. Os lisboetas, com os seus quinze anos de experiência, derrotaram uma equipa madrilenha cuja prática não se fundamenta em mais de quatro ou cinco épocas e, por essa razão, pecava ainda pelos mesmos defeitos e pelas mesmas dificuldades que caracterizavam o «handball» da nossa cidade há meia dúzia de anos atrás.

O ambiente da partida, verdadeiro festival para os desportistas e para o público de Lisboa, não podia desejar-se melhor nem mais animador; numerosa multidão acorreu às Salésias, enquadrando o terreno como é necessário que suceda em todos os grandes acontecimentos e transmitindo com os seus aplausos e aclamações a justa nota de carinho e simpatia pelos nossos visitantes.

Ficou assim demonstrado que grande serviço prestam sempre, à propaganda das modalidades menos cotadas no espírito público, as organizações de carácter elevado, que adicionem à competição em si o aliciente de um factor excepcional de interesse.

Registemos, já a seguir a este primeiro encontro entre portugueses e espanhóis, quanto se evidencia vantajosa, sob quaisquer aspectos, a campanha de aproximação e de intenso intercâmbio desportivo, combinada e desenvolvida pelas Direcções Gerais dos dois países peninsulares. Sorriu, desta vez a vitória aos nossos representantes; tanta vez tem sucedido o contrário, sem que do facto proviesse desalento ou azedume dos portugueses, que bem merecida se afigura a pequena compensação de agora, animadora e estimulante, que por certo será considerada pelos nossos leais amigos — não nos atrevemos escrever adversários — com a mesma elevação e a mesma camaradagem que em fracassos passados foi, noutras modalidades, trímbo dos portugueses.

Os encontros entre os desportistas das duas nações peninsulares vão tornar-se mais frequentes e cada vez mais ecléticos; coube ao «handball» de Lisboa a honra da estreia — e soube corresponder às responsabilidades da missão que lhe foi confiada. Nada de ilusões, porém, antes cada vez maior cautela e segurança, porque desde já podemos afirmar — pelo que conhecemos do brio e do entusiasmo dos desportistas espanhóis — que a luta em Madrid, em 25 de Fevereiro próximo, vai ser muito mais renhida e incerta.

A lição de segunda-feira — se é que lição se lhe pode chamar, aliás sem a mínima intenção depreciativa — aproveitou seguramente e os papéis podem mudar de figurante.

O resultado final é exacto, levando em conta que os espanhóis podiam ter marcado mais três ou quatro bolas, mas também os lisboetas, empenhados a fundo, poderiam ter avolumado a sua conta. Os 8-1, com 5-0 na primeira parte, que foi tecnicamente muito superior à segunda, não significam acentuada diferença real de classe individual, mas sim a disparidade de classe colectiva.

Existe no «handball» madrilenho nítida influência de toda «basketista», com a conseqüente perda de clareza, velocidade e eficiência.

Ao passo que a equipa de Lisboa empregava predominantemente o passe largo, obedecendo à lei fundamental de que é preferível que a bola ande pelo ar, de homem para homem, a ser conduzida pelo jogador com insinuações de batimento no terreno, os componentes do grupo adversário — habilidosos todos e com grande intuição alguns — seguiram como norma o velho sistema de avançar de companhia com a bola e de teimar em atingir a linha limite da área do guarda-rêdes para então lançar o remate.

Tal procedimento traz dois inconvenientes, que pesaram fortemente no resultado do jogo: a defesa contrária, em vez de ser saltada pelos vôos da bola, de mão para mão, é empurrada na frente dos condutores do esférico e cerra progressivamente a parede de antagonistas ante os atacantes, na zona onde estes mais precisavam de liberdade nos movimentos; a obcessão de chegar à beira da área para lançar à baliza obriga a batimentos, um e mais outro, demorando a decisão o suficiente para que chegue um dos defesas e intervenha, a destruir o que momentos antes seria inevitável.

Em contrapartida, os avançados lisboetas, sobre todos Vicente e Tomás, que tiveram exibição brilhantíssima — o merecimento de quasi todos os pontos marcados pelo primeiro foi partilhado pelo segundo, pela parte tomada na colaboração preparatória — patentearam grande decisão e os seus «tiros» foram disparados da entrada da área de deslocação, ou ainda fora dela, logo que a baliza aparecia na zona de mira.

Os homens em campo

A selecção castelhana alinhou: Augusto, Torres e Posuelo; Macías, San Roman e Vasquez; Murube, Alejandro, Gamea, Piernavieja e Munsuri.

O grande pontal do grupo, o jogador mais brilhante no terreno, foi o guarda-rêdes Augusto, sujeito de princípio a fim a trabalho exaustivo e exigindo atenção permanente. Teve defesas inverosímeis, de fantástica agilidade, e as ovações que escutou e os abraços dos adversários no final do encontro, conquistou-os com invulgar galhardia.

Foram ainda francamente bons o defesa e capitão do grupo: Posuelo, os médios San Roman e Vasquez, os interiores Piernavieja e Alejandro, com aqueles defeitos apenas inerentes aos conceitos técnicos que atrás apontamos.

San Roman, com extraordinárias faculdades físicas para o lugar e perfeito sentido de colocação para interceptar, peca por exagerado pessoalismo, querendo sempre ser ele o condutor da bola na facha de terreno livre na sua frente.

Os dois extremos avançados são francamente fracos, em constantes e desnecessárias deslocações, e o avançado centro pareceu-nos jogador pretencioso, lento e sem conhecimentos para condutor da linha.

(Continua na pág. 15)

Impressões depois do jôgo

pelo jornalista Mário Juanes Garcia

Assessor: Nacional de Handball do S. E. U.

e enviado especial do «Gol», «Arriba», «Balon» e «Juventud»

NA recepção oferecida no domingo à noite às hierarquias e jornalistas espanhóis pela Federação Portuguesa de Handball, emocionaram-me as palavras pronunciadas pelo dr. Salazar Carreira, as quais tiveram a virtude de sensibilizar todos os que se encontravam presentes. Voltei a sentir a mesma emoção na tarde do 1.º de Janeiro, quando, ao sair do campo onde se jogara o Lisboa-Madrid, me ofereciam as colunas da magnífica revista desportiva *Stadium* para reflectir em breves impressões o meu pensamento sobre o encontro disputado entre lisboetas e madrilenos.

Muitas, muitíssimas considerações se poderiam escrever a este respeito, qual delas a mais interessante, mas pretendo apenas significar aos amadores da modalidade, em escassas linhas, que com a ajuda por eles prestada o «handball» no seu país conseguiu alcançar a primeira meta e decidir a seu favor, por nítido resultado, o embate inaugural da luta entre espanhóis e portugueses, demonstrando a diferença que existe ainda entre o «handball» português, com seus quinze anos de existência activa, campeonatos correspondentes e treino cuidadoso, e o «balon-a-mano» espanhol, que está ensaiando os primeiros passos e não pode ainda alhear-se da influência do «basket» sobre os seus jogadores.

Este partido entre lisboetas — equipa formada por jogadores entre os 25 e os 30 anos — e madrilenos, rapazes dos quais o mais velho mal chega aos 26 anos, indicam-nos que dentro de poucos anos o «handball» de Madrid estará em condições de lutar em igualdade — que não existe agora — com o «handball» de Lisboa, visto que nas nossas fileiras se encontram autênticos valores, como o guarda-rêdes Augusto, o médio-centro San Roman, que intercepta com segurança, os dois defesas, magníficos atletas, o trio central desde que se escape à influência «basketista» e atirem à baliza, de mais longe e com maior frequência, sem esperar as melhores condições de colocação para lançarem o remate.

O melhor trunfo na equipa lisboeta foi o seu perfeito entendimento, grande êxito do trabalho de preparação do seleccionador Acácio Rosa. O guarda-rêdes é completo; excelentes os defesas, ainda que um pouco duro o do lado esquerdo; uma linha média que sabe distribuir jôgo aos extremos, com um magnífico médio centro, cujos passes longos ao extremo esquerdo foram assombrosos. Todos os avançados bons, mas entre eles realça Vicente, cujos tiros são verdadeiramente imparáveis.

Esperamos agora que esta dura lição, com seus múltiplos ensinamentos, nos sirva para em Fevereiro, no próximo Madrid-Lisboa, os nossos entusiásticos jogadores, aos quais a sorte não acompanhou ante-ontem, saibam alcançar um resultado que nos faça esquecer a amargura deste 8-1, que tanto nos penaliza.



NO MUNDO DA BOLA



PELO "Jornalista DESCONHECIDO"

Há algum tempo que se começou a desenvolver entre nós uma campanha contra o *jogo de posição* ou contra o *futebol de marcação*, confundindo-se conceitos e pretendendo destruir-se, de um momento para o outro, aquilo que pode considerar-se *ciência do jogo*, isto é, a parte científica do futebol acumulada durante anos e anos de estudo e experiência, falando-se ao mesmo tempo numa *cola portuguesa de jogo*, idê a posta pela primeira vez, se não estamos em erro, pelo jornalista Tavares da Silva, que, por sinal, não alinha na campanha, pois ele vivia *um certo fim*, mas partindo precisamente do sistema de marcação.

Ricardo Ornelas, num artigo notável que, diga-se sem lisonja, honra um jornalista e um técnico, põe abertamente a questão. Não para responder a quaisquer alusões ou reparos com o simples propósito de ferir as pessoas—ele o diz—mas em virtude da campanha ter encontrado no presidente do conselho de selecção um adepto, e de tal poder influir perniciosamente na representação nacional, em mãos e aos cuidados de gente que assim pensa.

Na verdade, o sr. Salvador do Carmo concedeu uma entrevista ao jornal «Os Sports» expondo o seu pensamento sobre a matéria. Não vale a pena referir aqui, nem em síntese, a resposta admirável de Ricardo Ornelas, que repla os da campanha, *lênicamente fatiosa*, e darem a conhecer o seu sistema. Outros críticos, como Mário Santos, judiciosamente, replicaram também, corrigindo dados e noções.

A nós, decerto menos competentes que todas as partes que estão no processo, interessa-nos esclarecer várias passagens da *entrevista Salvador do Carmo* que, em nosso entender, carecem de correcção. Porque, quanto ao fundo da questão, não se poderá pôr melhor o problema do que o fez Ricardo Ornelas.

A maneira de vencer os espanhóis

A furia espanhola tem os nossos jogadores de responder com a alma lusitana, a energia com energia, a velocidade com velocidade, ao espirito de luta com espirito de luta idêntico. Só com armas iguais poderemos ombrear com os espanhóis, que têm sobre nós a vantagem de disputarem um campeonato mais duro e de disporem de um campo de recrutamento mais vasto. Lá e cá existem dificuldades de escolha. Lá, porque há muito por onde escolher; cá, exactamente pelo contrário... Já lá vai o tempo em que havia um jogador, pelo

Jogo de posição ou jogo de acaso?

Como um dos 3 seleccionadores vê a Selecção Nacional

Corrigindo afirmações do sr. Salvador do Carmo

menos, indiscutível para cada lugar.

Trata-se de uma orientação errada. Nós não poderemos vencer os espanhóis com as mesmas armas, pela razão simples de que eles as utilizam melhor e são mais fortes do que nós no seu emprego.

O que se impõe é, sabida a estrutura da selecção espanhola, adoptar um sistema de marcação visando os seus pontos fortes, organizando ao mesmo tempo um ataque tão bem combinado quanto possível. Vestir o jogo português, necessariamente, de força e rapidez.

Com Tarrío não nasceu o jogo de posição?

Foi na altura em que os Belenenses dispunham de Tarrío e Scopellii que o primeiro adoptou o sistema de marcação do avançado-centro Peyrolot. De então para cá todos seguiram o mesmo caminho — e assim nasceu o actual sistema de marcação.

Nada menos exacto. A boa execução de Tarrío pôs mais ao sol o sistema. Mais nada. Mas ele já tinha nascido há muito entre nós, mais ou menos posto em prática por todos os treinadores competentes. Para não ir mais longe: Szabo, por exemplo, embora com variantes, ensina o *jogo de posição* desde que se conhece...

Um Epi, ou um Campos, jogando à vontade...

...Não deve aceitar-se que os praticantes estejam sujeitos a exigências de marcação que roubam ao jogo a sua beleza e finalidade. O futebol é, essencialmente, um desporto de ataque e um jogo de desmarcação, no qual devem predominar as qualidades de rapidez de acção e de execução, a concepção pronta ou reflexos imediatos, a improvisação e a audácia. Tudo, afinal, características dos portugueses, mas que se estavam perdendo pouco a pouco...

...A equipa portuguesa seguirá nos desafios com os espanhóis a técnica que mais se harmoniza com as características dos nossos jogadores.

Reputamos um grave erro a não-adoção de um sistema de marcação cerrada aos avançados

espanhóis, especialmente aos mais perigosos. Um momento de desatenção que seja — e o avançado espanhol, movendo-se com facilidade e rapidês alguns metros, sem ser incomodado, provocará os maiores perigos para as rédes portuguesas. Um Epi, ou um Campos, jogando à vontade. Meu Deus!

A questão dos treinadores em Espanha

Parce-me conveniente que se siga o exemplo que a própria Espanha nos dá. No país vizinho os jogadores estão entregues a treinadores espanhóis, para que o futebol espanhol nada perca das características próprias e inimitáveis, que o impuseram em todo o mundo.

Realmente, no presente, que sabemos, só há um treinador estrangeiro em Espanha, um inglês que treina o Sevilla, a equipa de *jogo castiço*, por curioso contraste. Mas tal medida é de ordem geral: não admitir técnicos estrangeiros seja no que for. Não se trata, por consequência, de uma medida tendente a manter as características do futebol espanhol. Quem dera aos clubes espanhóis poderem admitir treinadores estrangeiros!

Palavras finais

Em aspectos tão sérios e importantes do futebol português como o da Selecção Nacional, não pode proceder-se de ânimo leve. Tem de se estudar e resolver o problema com competência. Ou se sabe ou não se sabe. O problema não se resolve proferindo meia dúzia de palavras, mais ou menos aliciantes, mas sem significado.

Por sinal — veja-se o que são as coisas — o seleccionador da vizinha nação, Eduardo Teus, é o mais acérrimo defensor do *jogo de posição* que ele lenta cada vez enraizar mais no seu país, mostrando-se absolutamente contrário ao chamado *futebol de tropel*. Quando partir de Madrid a selecção espanhola de futebol — não tenhamos ilusões sobre o assunto — o plano estará bem estudado, e o *jogo de posição* necessariamente fixado. Eduardo Teus procederá como se procede em todo o mundo — menos em Portugal, ao que se pretende, pelo menos.

Idéias próprias e alheias

O Olhanense está em foco — belas exhibições, magníficas, do seu grupo, ricas de energia e jogo. Desta vez, porém, não queremos falar do *team*, mas de uma iniciativa do clube.

O Olhanense, como quasi todos os grupos da provincia, vivia com grandes dificuldades financeiras. Os encargos não eram cobertos com a quotização e a receita dos jogos. *Deficit* pesado. E o clube tratou de enfrentar o problema. Os seus dirigentes tiveram uma idéia luminosa. Simplesmente isto: montar um café, hoje o mais frequentado de Olhão, que, administrado zelosamente, representa uma fonte de receita apreciável, utilizada em fins desportivos do clube. O exemplo, muito curioso, poderia talvez ser seguido noutras terras.

*

O jornalista catalão Fernando Subirou escreve numa revista espanhola:

Assim como há quem vá aos toiros com o vivo desejo de ver colhidas, bandarilhas de fôgo ou retiradas ao curral, há quem vá ao futebol desejando mais ver um partido de protestos e «linha» do que de bom jogo. E estes são os que vêm em tudo, má intenção, desejando que se arme o escândalo.

SMARTA

Telefons 41583

Rua de Rodrigo Sampaio, 52

O restaurante

que o aguarda
depois de um encontro
de futebol

A pastelaria

que apresenta
os mais sabores
bolos

Salão de Chá
e Bar

SMARTA

FLECHA é a melhor bicicleta

Campeonato NACIONAL de FUTEBOL



1



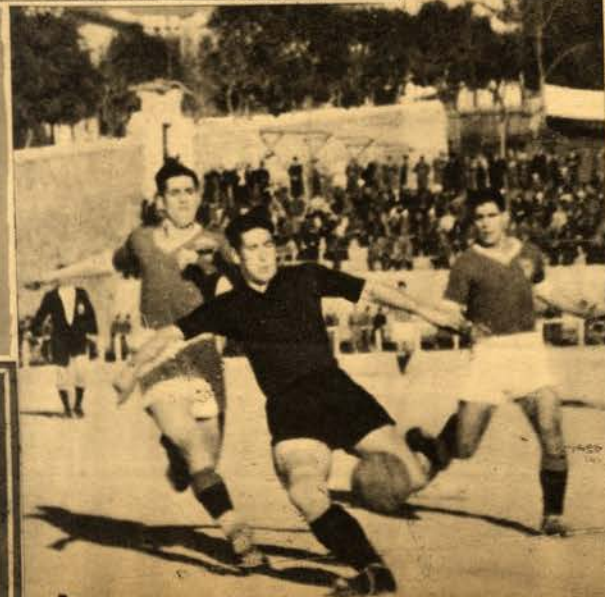
2



3

NO ESTORIL: 1 — Armando, em curioso salto, remata de cabeça. Valongo coloca-se para segurar a bola; 2 — Alberto corta de cabeça um ataque belenense; 3 — Acácio defende carregado por Bravo; 4 — Outra intervenção de Acácio — enquanto Petrak e Feliciano parecem conversar...

EM COIMBRA: 5 — Um belo remate de Conceição; 6 — António Maria marca de cabeça — a sua especialidade.



Chaves de todos os modelos

Perdeu-as? Partiram-se? Roubaram-lhas? — manda fazer outras na **CASA DAS CHAVES** de Amadeu Gomes da Fonseca R. da Mouraria, 3 (frente ao Cinema) Tel. 28050

ASPECTOS
da GRAFICOS
6.^a jornada



4



7



NO LUMIAR: 7 — Peyroteo e Machado «embrulham-se», mas o primeiro perdeu na luta, desta vez; 8 — Um «goal» — que dispensa comentários...; 9 — mais uma defesa de Machado. Peyroteo, bem acompanhado, não chega a ter tempo para intervir.



A MARCA
QUE EU
VOU USAR
EM CHAPÉUS
E BONÉS

9

O GRANDE CAMPEONATO

Seis concorrentes estendem a mão para o título de campeão de Portugal

Comentando a 6.ª jornada

Crónica de TAVARES DA SILVA

A primeira observação que salta à vista quando se olha para o quadro de resultados desta sexta jornada é a grande e visível dificuldade de todos os encontros. Tem-se, mesmo, a sensação de já não haver grupos fortes e grupos fracos, mas sim *teams* que se defrontam em igualdade de circunstâncias e possibilidades. Desaparecem os favoritos. Estamos propositadamente a exagerar um pouco as cores do referido quadro. Pela preocupação de dar uma ideia clara do que se passa.

Peguemus num desafio tido como desnivelado. O Sporting-Vitória (Guimarães), por exemplo. Que vemos? Uma vitória leonina, é certo. Mas arrancada com dificuldade espartosa. Já não há, portanto, jornadas de descanço. Todas exigem sangue, suor e lágrimas.

Estamos em presença de um campeonato a sério. Uma competição destinada a grupos adestrados sob a base de forte preparação física. Precisamente, a observação já posta fala-nos com eloquência do progresso do jogo. Os resultados foram os seguintes:

Pôrto	4	—	Benfica	3
Olhanense	3	—	Vitória (Setúbal).....	3
Estoril	1	—	Belenenses	2
Sporting	5	—	Vitória (Guimarães) ..	2
Académica	5	—	Salgueiros	1

Está desenhada cada vez mais nitidamente a luta Pôrto-Lisboa, a velha luta do futebol português. O Pôrto volta a ter um *team* capaz de bater os poderosos grupos lisboetas, e isso é deitar sal na competição. Mesmo com uma linha incompleta, e a falta de dois titulares como Guilhar e Pinga, entre outros, o Benfica sucumbiu. À tangente. Sem dívida. Em todo o caso, o triunfo alguma coisa quer dizer. No presente — e para o futuro.

A tabela da classificação geral é sempre uma fonte de indicações, as mais preciosas. Confirma-se a excelente forma do Olhanense e do Vitória (Setúbal), sendo de destacar o comportamento setabalense. Que audácia!

O Belenenses manteve os seus créditos, depois de um trabalho esforçado na fogueira do Estoril. O Sporting recupera, esgoeirando-se pelo mar encapelado, desejoso de não dar nas vistas para não sofrer a perseguição. Os leões, estão em 6.º; aparentemente, muito distanciados do Benfica, o 1.º; na verdade, próximos, com uma distância de três pontos — um salto. Isto é no fundo uma expressão de equilíbrio, ainda a maneira de afirmar a dificuldade enorme de todas as partidas. O próprio grupo de cada, com o Estoril em 7.º lugar, seguindo-se Vitória (Guimarães), Académica e Salgueiros, mostra-se valoroso, falando alguns destes concorrentes uma linguagem mais difícil do que a princípio se julgava.

Caso curioso. Quanto mais se comenta desfavoravelmente, de resto, num sector limitado, o já célebre *jogo de marcação*, mais ele se enraiza, aconselhado e ensinado por todos os treinadores, tanto estrangeiros como nacionais, e praticado por todos os *teams*. O jogo do Estoril fornece excelente exemplo. O grupo de Augusto Silva jogou, no capítulo da defesa, de vigia constante e permanente, marcação de sombra, aos avançados belenenses. Peis fez com que Feliciano nunca largasse Petrack, não esquecendo os outros da defesa todos os outros do ataque. Porque se divulgará o sistema? — Pelas suas vantagens práticas. É muito lindo falar em beleza do futebol. Mas uma competição é um conjunto de resultados. Quem tem a seu cargo os *teams* sabe que é assim. A responsabilidade obriga-o a estudar os problemas no campo da prática, procurando e encontrando também soluções práticas. As fantasias correm a cargo dos comentadores.

As dez forças estão lançadas na luta. Todas embaladas. Cada uma com suas probabilidades. O torneio é longo. A competição já atingia o auge. Todavia, ainda não se lhe vê o fim. O caminho, cada vez mais difícil, está semeado de escolhos. Um *team* cai — quando menos espera. Tudo dependerá do número de suplentes ou reservas que cada um dispuser, assim como da resistência física, ou, o que vem a dar na mesma, de uma sólida preparação ginástica. Está em jogo um título, a maior honra para os clubes. Entre dez — seis concorrentes estendem a mão. Vamos a ver quem a fechará.

Ótimo: o Pôrto dispõe de suplentes

Sem sorte, nada se faz

Dada a função dos suplentes num campeonato como o «nacional» parece-nos muito importante aquilo de que o Pôrto deu provas. Quatro homens tiveram que tapar faltas, e fizeram-no de modo a cumprir. O conjunto não chegou a abrir fendas. Conservou-se fechado, como se estivessem na liça apenas titulares.

O grupo portuense realizou uma exibição primorosa na primeira meia hora. Cada um no seu lugar, conhecimento de função por função, e boa ligação de esforços. Tudo executado com rapidez. Por ventura com velocidade incomportável para a hora e meia, pelo menos, em relação à forma actual do grupo. Essa velocidade, e a nobre energia portuense, conseguia dominar um *team* com tais

características. Precisamente um *team* que joga em energia e velocidade. O quadro do Benfica funcionou mal, até certa altura, demorando as unidades a encontrarem o seu verdadeiro sítio. Depois — bem.

Quando, passada a meia hora, já menos perturbado, o onze benfiquense se organizou no seu sistema bem engendrado, e o começo a aplicar, tentando fazer bem, conseguiu o seu intento. A equipa reagiu, impoñdo-se. No segundo tempo actuou melhor do que o seu adversário — este, no entanto, com muita atenção à defesa, nunca perdendo o sentido de exploração da oportunidade. Verdade seja, o jogo do Benfica teve o carácter acentuado do ataque. Não fora o mau remate... Mas é melhor não falarmos mais neste caso. Onde está o *team* português que se iberia rematar às rédeas?

Para dar uma ideia do que foi o jogo basta dizer que o Benfica empatou 2-2, pela primeira vez, e 3-3, pela segunda, tendo-se o problema decidido com um *goal* marcado por McCreira, um desvio infeliz da trajectória da bola. Quando as coisas decorrem desta maneira, há razões para se fazer a citação à sorte. Enquanto se jogar a bola não há dúvida que a sorte influirá. Seus caprichos e desenganos. O Pôrto foi beneficiado desta vez. Será por certo prejudicado noatra. A roda desanda de domingo por domingo.

Audácia, no Vitória (Setúbal)
Grandeza, no Olhanense

As enchentes verificadas no Algarve provam que não há nada melhor para atrair o público do que um bom grupo. Diga-se desde já que o Olhanense correspondeu à espectativa. Tendo de lutar em manifestas condições de infelicidade, e contra um resultado de des-nível, destes resultados capazes de esfriarem o entusiasmo no mais optimista, o *team* teve grandeza na luta. Tanto e tanto batalhando que, ao menos, conseguiu o empate.

O Vitória (Setúbal) desenvolveu no começo o seu melhor jogo. Nessa fase, o grupo surgiu com ligação devida, mostrando um ataque ameaçador e eficiente. Um ataque que não desperdiçou uma oportunidade. Com poucos passes, os setabalenses aproximavam-se das rédeas, rematando bem.

Aos poucos, o Olhanense subia de tom. Nem os três *goals* setabalenses antes da meia hora lhe quebraram o ânimo. Toda a segunda parte foi sua. O *team*, com vibração, lançou-se ao ataque, originando amide as maiores dificuldades para o adversário. Este, a coberto dos seus *goals*, como o logicamente é fácil de sapor, concentrou-se na defesa, com invulgar tenacidade. Cada homem a cada homem — era a divisa. E luta cerrada. Mesmo nesta orientação, os algarvios conseguiram o empate. Os factos falam melhor do que as palavras.

O jogo foi protestado. Não temos elementos de bom julgamento. Tudo indica uma coisa: má arbitragem.

Jogo útil e belo, por parte do Belenenses
Conhecimento exacto de um sistema no Estoril

O Belenenses realizou excelente exibição no primeiro tempo, contra o Estoril. O grupo actuou em bloco, com tudo devidamente encaixado. Quer ao ataque, quer à defesa, a máquina encontrava-se em pleno rendimento, funcionando sem atritos. Nesse período — deveros acentuar — o Belenenses não só jogou bem, como jogou com beleza, técnica e de execução. As suas unidades, bem colocadas no terreno, obtinham na antecipaçào dos lances e rápidas na execução, deram sensação patente de superioridade. De resto essa sensação não desapareceu, mesmo na altura em que, forçado pelas circunstâncias, a tarefa belenense comprou feição de defesa. Sempre esteve um *team* superior em frente de outro — inferior.

Dir-nos-ão: o Estoril pode fazer mais do que aquilo que fez. De acordo. Feriu-nos a citação mesmo, a forma verdadeiramente modelar como todas as unidades se encontram dispostas no terreno e como elas conhecem o sistema em que estão integradas. Quere dizer, não se trata de uma lição aprendida de cór, mas de conhecimentos reflectidos. Os jogadores praticam o seu jogo, sabendo porque é que se devem mexer no terreno para um e para outro lado. Quanto a este aspecto — não há dúvida. Compreendendo nós perfeitamente e agora com clareza, a razão de alguns êxitos do Estoril. Em contra-partida, impressionou-nos a falta de categoria de vários dos seus elementos. Sem arte nem «souplesse».

Por outro lado, o Estoril jogou com a dureza próximo da violência, ante a vista complacente de um arbitro sem pulso. Quando um grupo quer fazer, à força, e pela força, aquilo que não consegue a jogar, dá um espectáculo desagradavel. Como ideia, pode ainda dizer-se que o Belenenses venceu com as maiores dificuldades. Acrescentando-se que, mesmo dentro da superioridade belenense, o empate não deixou de estar à vista.

Bom jogo do Vitória (Guimarães)
Soberba reacção do Sporting

Sem dívida, o Vitória (Guimarães) realizou em Lisboa excelente partida, a qual não deixará de influenciar o futuro da equipa. O encontro deu ainda a indicação de que há coisas nos leões que não estão certas.

(Continua na página 10)

A propósito de perguntas e respostas...

O «caso»

Mariano Amaro

ASSINADA pelo sr. dr. Arsénio Cordeiro recebemos a seguinte carta, que publicamos na íntegra:

Permita-me V. de que, ao abrigo da Lei da Imprensa tenha solicitar rectificação para certas afirmações presentes no número 108 da revista em relação com a acção do Corpo Clínico do Centro de Medicina da Federação Portuguesa de Futebol.

Quero referir-me à resposta à pergunta n.º 17 da secção «A resposta para todos do cidadão número, referente ao jogador de futebol Mariano Amaro.

Passo em claro por uma série de considerações de ordem médica que, como é natural na pena de um leigo, estão completamente erradas, para impugnar como menos verdadeira uma afirmação que as acompanha. Diz a citada resposta textualmente:

«Os Clínicos do Centro de Medicina Desportiva são de opinião que o mau funcionamento do fígado de H. B. que se verifica, é impedido para jogar a bola.

Ora a verdade, é que os clínicos do Centro de Medicina em nome dos quais escrevo a V. não exteriorizaram qualquer opinião excepto esta: O jogador Mariano Amaro não se encontra em condições físicas de praticar o futebol de competição.

Tudo o resto q. u. pudéssemos acrescentar seria grave quebra de segredo profissional e julgamento no direito de reclamar junto de V. contra o facto de nos atribuírem opiniões que não exteriorizamos.

Lembrando a V. a conveniência de os jornalistas se não imiscuirem em assuntos que ignoram, apresento os protestos da minha elevada consideração.

(a) Arsénio Cordeiro

O sr. dr. Arsénio Cordeiro, nosso prezado amigo, não necessitava estribar-se na lei da imprensa para nos pedir a publicação do seu despacho. O ilustre clínico e desportista evocou, de resto, em condições que nos mostram conhecedor da mal—de-certo porque é leigo no assunto...

O nosso colaborador, ao responder à consulta que recebemos sobre o «caso Amaro», teve o prudente cuidado de se afirmar logo *absolutamente leigo em matéria de medicina* e limitou-se a transmitir informações que recebeu — aliás correndo por aí à boca cheia. Não são, portanto, de sua autoria, e a reclamação, possivelmente justa, posta na carta que publicamos, não nos deve ser dirigida, mas a todos quantos se referiram ao caso nos meios desportivos a que interessa.

Resta-nos sublinhar que existe agora, para satisfação da insaciável mas lógica curiosidade pública, e com a vantagem de ninguém poder, de futuro, atribuir aos clínicos do Centro de Medicina opiniões que não exteriorizaram, uma verdade posta com caráter oficial e que é simplesmente esta: *O jogador Mariano Amaro não se encontra em condições físicas de praticar o futebol de competição.*

É puto — mas está exteriorizado.

Posto isto, reservámos propositadamente para o fim... o nosso direito de uma reclamação! Muito simples: contra a liberdade que se toma de lembrar conveniências... em termos menos convenientes...

Sob este aspecto temos bastas provas prestadas — e devolvemos todas as «lembranças» do género, ou quaisquer outras!

Os 80 anos

do «Diário de Notícias»

O grande diário de manhã que é o *Diário de Notícias* completou há dias 80 anos — linda idade, que significa muito e valioso trabalho.

Ao *Diário de Notícias* apresentamos os nossos afetuosa parabéns, com votos de prosperidade.

II Divisão Nacional

O campeonato nacional de futebol da II Divisão prosseguiu no último domingo, com a efectivação dos encontros correspondentes à terceira jornada da primeira fase da prova.

O número de desfechos marcados — trinta e quatro — foi sensivelmente igual ao das «rondas» antecedentes, donde pode concluir-se que as características principais do torneio se mantêm. No momento em que escrevemos temos conhecimento dos resultados de trinta encontros, cujo balanço fornece os seguintes números.

Vitórias de clubes visitados, dezassis; de clubes visitantes, seis; empates, oito; «goals» marcados, cento e trinta e oito, sendo oitenta e três dos clubes visitados e cinquenta e cinco dos visitantes. Desfechos em que não foram marcados «goals», dois; clubes que evitaram que as suas redes fossem tocadas, onze.

PUGILISMO

Ainda o campeonato amador do Sul
Uma rectificação

O artigo publicado no último número do *Stadium* e subordinado à epigrafe acima, saiu pejado de gralhos, o que deveras lamentamos. Assim, o vencedor da categoria «mínimos» voltou a ser Armando Costa e não, como se disse, Alberto de Oliveira, pelo que o lisgás adquiriu mais um título, que nós lhe havíamos arrebatado... Também a final da categoria «velíssimos» foi ganha pelo pugilista Manuel Martins, do Lisgós, que derrotou Carlos Alves.

Ainda devemos corrigir o resultado do combate João Jorge—Manuel de Melo, o qual terminou por abandono do segundo nomeado, ao 2.º assalto.

Outros deslizes de menor importância e facilmente descartáveis se imiscuiram na prosa que por força das circunstâncias havia sido traçada apressadamente, deixando de se ligarem os nomes às pessoas a quem se fazia referência. Que os nossos leitores nos perdoem tal deslize, pelo menos deste vez.

Um homem com a barba por fazer

Que feio! Tão pouco elegante! Diferença até; não agrada a ninguém e dá a impressão de pouco asseio. Mas quantas vezes o motivo é a pele, que não admite a lâmina senão de dias a dias: um martírio!

Pois bem: faz a barba e aplique Gylcol — o ideal da pele — só Gylcol, e verá como obtém resultados maravilhosos e pode barbear-se todos os dias.

À venda nas principais casas da especialidade e boas farmácias.

Depositarlos gerais: Vozzura d'Almeida & Pena, rua da Guarda-Mór, 20, 3.º, esp. (a Santos), Lisboa.

Enviámos amostras contra 450 em selos do correio, nome e morada.

Boas Festas

Agradecemos e retribuimos os cumprimentos de Boas Festas que nos foram enviadas pelas seguintes entidades: Federação Portuguesa de Remo, Associação de Futebol de Lisboa, Associação de Futebol de Faro e Associação de Pugilismo de Lisboa.

Sub-Delgado Regional da Ala de Lisboa da «Mocidade Portuguesa».

Direção da Secção de Remo da Associação Naval de Lisboa, Ginásio Clube J. P. A. C., Sport Alges e D. J. F., Atlético Clube de Portugal, Grupo Desportivo da CUF, Clube Atlético de Campo de Ourique, Secção de Ténis de Mesa do Sport Lisboa e Benfica, Sporting Clube de Alenquer, Sporting Clube de Oeiras e Grupo Taurinoquímico—Sector 1.º.

Dos nossos sinceros votos ao desfecho da gala 13 do Sanatório do Uçá e do chefe e pessoal do posto de Polícia de Trânsito das Colinas da Rainha.

Da Companhia de Seguros Ultramarina, Empresa de Socos de Pajal, Lelo & C.ª, Fotografia Nacional, Almeida & Moreno e Sociedade Revendedora de Popéa.

Helicóptero de Aviação e Celastino Guerreiro Róbeza, nossos estimados colaboradores; J. D. Pinheiro Lobo, Manuel Luis Pires Xavier, Pires Soares, Sues Gregório, J. M. da Silva Pinto, António do Carmo, Manuel da Silva Braga, M. Mendes da Fonseca e Alfredo Vasconcelos.

A todos — os nossos desejos de Felizes Anos Novos.

Felto este rápido balanço, destinado aos apreciadores de estatísticas, vejamos agora as notas salientes da jornada.

No grupo A, efectuaram-se seis desfechos com os seguintes resultados: S. C. Vila Real-Sporting de Fafe, 5-4; Sporting de Braga-Gil Vicente, 7-0; Vilanovense-C. D. Aves, 1-0; Ovarense-Pudim de Lamas, 6-4; Leixões-Académico, 2-1; Sporting de Espinho-Avintes, 0-0.

Todos estes resultados estavam dentro das previsões. Mais «goals» menos «goals», isso não basta para que possamos considerar contrariados os vaticínios.

O único desfecho em que o vencedor marcou nitidamente a sua vantagem foi o disputado em Braga. Em Vila Real, os fofenses deram réplica de melhor. Em Ovar, a elevada marcação de «goals» constituiu a nota interessante do desfecho. O desfecho da luta Leixões-Académico pode vir a ter influência decisiva no apuramento do vencedor da série. O Avintes voltou e não deixar mal colocado o futebol português.

No grupo B disputaram-se oito desfechos. Resultados: Académico de Viseu-Oliveirense, 0-6; Bodiosenses-União de Coimbra, 1-4; Anadi-Lusiânia de Lourosa, 2-3; Sanjoanense-S. L. Viseu, 7-1; Naval 1.º de Maio-S. L. Marinha, 3-0; Sporting de Tomar-Ahandra, 1-1; Águia Vilafranesense-Sacavenense, 1-1; C. U. F. de Lisboa-União Operário de Santarém, 4-1.

O futebol do A. F. de Aveiro esteve em evidência. Os triunfos obtidos pelo Oliveirense e Sanjoanense são daqueles que não deixam margem para dúvidas. Ao invés, os clubes do Beira Aito — melhor, de Viseu — continuam a dar má conta de si. O desecho mais surpreendente pode muito bem ser o do desfecho do Anadia, em que os locais linham favoritismo.

O Sacavenense e o Ahandra, indo empatar no campo dos adversários, merecem referência mais elogiosa que os visitados. Basta ter havido empate para que se pense em luta equilibrada. O clube do Lumiar A nunca esteve em dificuldades.

O grupo C continua a ser o que dá maior número de desfechos. Desta vez enolaram-se os seguintes resultados: Atlético Club de Portugal-Alcobaca, 11-0; Casa Pia-F. Benfica, 2-2; Ferroviário-Operário Vilafranesense, 1-3; Olivais-Seixal, 2-1; Ginásio do Sul-Chelas, 0-4; Unidos do Montijo-Luso do Barreiro, 3-2; Fósforos-Aldegaense, 3-2; Almada-Barreirense, 0-0; União Argentiniano-Amore, 1-0; Operário de Lisboa-União de Cezimbra, 3-1.

Repare-se que só houve dois visitantes vencedores: o Chelas e o Operário Vilafranesense, que começam a evidenciar-se. Os campeões da II Divisão da A. F. L. obtiveram excelente triunfo, ainda que os cecilhenses pareçam este ano valer menos do que em 1943-44.

O Casa Pia deu excelente luta ao F. Benfica — mais categorizado. Olivais e Fósforos não puderam ir além de uma vitória pela tangente contra clubes da A. F. Setúbal; o luso do Barreiro regressou do Montijo com um bom resultado, apesar de batido. O empate do estreante Almada A. C., frente ao sub-campeão de Setúbal, é de assinalar. O Operário de Lisboa não marcou e esperada superioridade sobre os cezimbrenses.

Finalmente, o Atlético dispôs de um adversário que vinha a Lisboa pela primeira vez.

No grupo D realizaram-se seis desfechos: Sporting da Covilhã-Covilhãncenses, 7-3; Aibicarense-Cebolense, 2-2; S. L. Elvas-Portalegrense, 3-2; Estrela-Juventude, 1-1; Lusitano de Évora-Atletico de Montemor, 3-3; Despertar de Beja-Atlético de Moura, 1-3.

Os «leões» do serro marcaram sete tentos e sofreram três, donde se deprende que os seus adversários não renunciaram à luta. O Indústria Cebolense, um dos estreantes na prova, impôs um empate ao adversário, no campo deste. O Portalegrense colocou o campeão da sua associação em apuros e o mesmo fez o conhecido Lusitano de Évora. E, por último, o Atlético de Moura vacou bem o Despertar de Beja.



O 1.º LISBOA-MADRID

em HANDBALL

Uma brilhante vitória dos lisboetas
Com grupo espanhol alto a, experiência para
responder à magnífica exibição dos portugueses



1 — A selecção madrilena que alinhou no primeiro encontro contra Lisboa. 2 — Natividade conseguiu desarmar o avançado centro adversário; 3 — Uma fase no centro do terreno: Pimenta luta com dois espanhóis; 4 — O grupo representativo de Lisboa. 5 — O defensor Jaime Silva leva a melhora na luta com Gamez; 6 — Gamez, entre os dois defensas portugueses, procura servir um companheiro; 7 — Augusto, guarda-rédes de Madrid, desvia para canto uma bola difícil; 8 — Uma oportuna interceptação, em que Vicente se escapa aos defensas de Madrid; 9 — Depois do jogo, Natividade dita as suas impressões ao microfone da Emissora Nacional; 10 — O representante da Delegação de Desportos, sr. Guilherme Hildebrand, cumprimenta o capitão do grupo lisboeta; 11 — O Director Geral de Desportos, tenente-coronel Sacramento Monteiro, procede igualmente para com os jogadores castelhanos.

ATLETISMO

UMA DÚZIA DE EXERCÍCIOS GIMNÁSTICOS

de preparação física . . .

... I — Para os saltadores em altura

Aviso prévio: Não se trata aqui de esquemas de lições de ginástica, mas apenas de uma escolha de alguns entre os muitos exercícios que melhor correspondem às necessidades de preparação física especializada destes atletas.

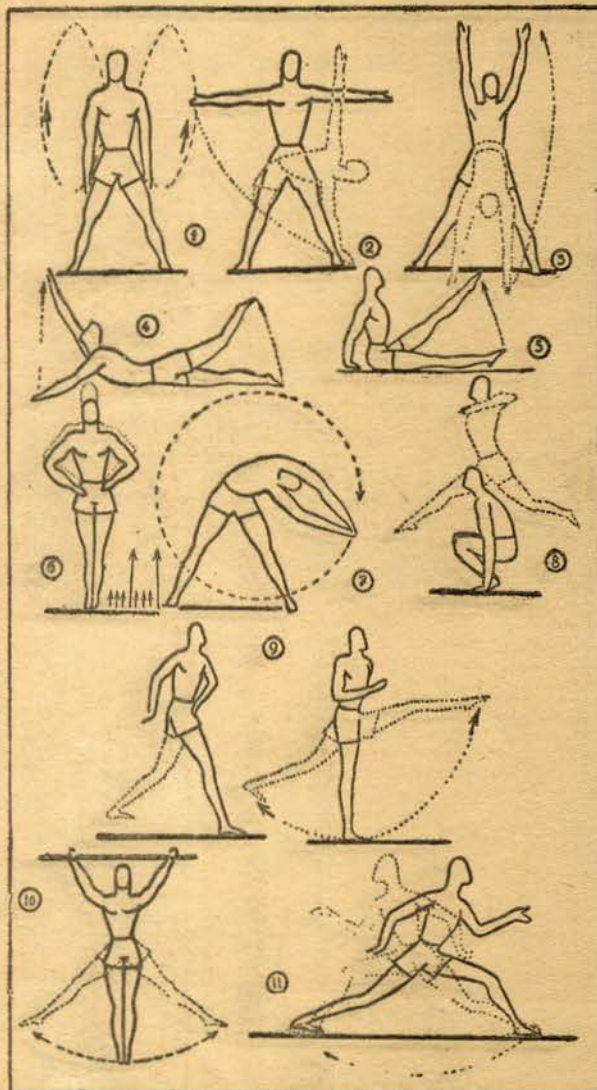
Também não escrevi estas notas para professores; esses não precisam do meu conselho.

Escrevi para os rapazes que trabalham sem a assistência de técnico competente e por isso redigi o enunciado dos exercícios fora das regras da terminologia oficial, de maneira a ser compreendido por eles aquilo que pretendo explicar.

SALAZAR CARREIRA

- 1.º — Circunvoluções alternadas e simultâneas dos braços (Fig. 1).
- 2.º — De pé, pernas afastadas, braços em extensão lateral: flexão anterior e torsão do tronco, tocando com a mão direita no pé esquerdo e insistindo duas vezes (manter sempre os braços no prolongamento da mesma linha); levantar à posição inicial e repetir em sentido inverso (Fig. 2).

Progressão: aumentar cada vez mais o afastamento dos pés.



- 3.º — De pé, pernas afastadas, braços em elevação superior: grande flexão do tronco à frente, sem flexionar os joelhos, tocando com as mãos no solo alternadamente e em insistência de máximo silêncio adiante e atrás da linha dos pés (Fig. 3).

Levantar após três insistências em cada sentido, erguendo de

novo os braços acima da cabeça e insistindo com eles uma vez para trás, mantendo firme a posição do tronco (não consentir que o tronco se incline ao mesmo tempo para trás, avançando a barriga).

Progressão: aproximar os pés até os unir.

- 4.º — Deitado facial, braço estendido para cima, aos lados da cabeça: extensão dorsal, com elevação simultânea para trás do braço esquerdo e perna direita estendidos, depois a inversa e por fim os dois braços e pernas ao mesmo tempo (6 tempos) (Fig. 4).

Progressão: insistências em cada tempo de elevação.

- 5.º — Sentado no solo, pernas unidas e estendidas, corpo em apoio sobre os braços assentando as mãos no solo à rectaguarda das nádegas (evitar o abaulamento do dorso): elevação cadenciada e alternada das pernas e depois elevação simultânea (Fig. 5).

Progressão: com as pernas levantadas, cruzamentos antero-posteriores sem tocar com os pés no solo; ou elevação simultânea e afastamento lateral das pernas; ou elevação simultânea das pernas e cruzamentos laterais; ou o mesmo exercício sem apoio das mãos no solo.

- 6.º — Saltitar a pés juntos, sem flexionar os joelhos e mantendo as mãos na cintura. Procurar subir o mais alto possível, com intermissões de pequenos saltitos (Fig. 6).

Progressão: o mesmo exercício tomando apoio apenas sobre a perna de chamada.

- 7.º — De pé, pernas afastadas, mãos à cintura: circunvoluções do tronco, em ambos os sentidos.

Progressão: o mesmo exercício com os braços estendidos acima da cabeça e os dedos entrecruzados (Fig. 7).

- 8.º — Em grande flexão de joelhos, braços pendentes ao lado do corpo e joelhos unidos: saltar com extensão rápida das pernas e lançamento antero-superior dos braços (coordenar a extensão com o tempo inspiratório da respiração).

Progressão: golpe de tesoura no tempo de suspensão (Fig. 8).

- 9.º — Estudo da chamada: correr os dois últimos passos expirando e inspirar no tempo de chamada, com lançamento da perna livre em extensão (Fig. 9).

- 10.º — Em suspensão: lançamentos laterais simultâneos das pernas e lançamentos em golpe de tesoura antero-posterior, forçando ao máximo a abertura (Fig. 10).

- 11.º — Marcha alongada, com inversão no sentido da marcha no tempo de afastamento (Fig. 11).

- 12.º — Para os saltadores de estilo rolagem — com um plinto de 1,60 m., atravessado: estudo do salto, caindo deitado de face sobre o plinto.

Para os saltadores de estilo viragem interior — saltar com dois passos de balanço, lançando para a frente a perna livre e executar no ar uma viragem de 180°, caindo sobre a perna de chamada, voltado para o lado da corrida.

O Grande Campeonato

(Continuação da página 6)

De um modo geral, exceptuando a fase do triânglo sportingista, na última vintena de minutos, o grupo de Guimarães foi superior, pelo menos, mais organizado e destro, tendo jogadas de boa concepção e que constituiram grata surpresa para aqueles que gostam de ver jogar, e bem. Os de Guimarães deram um andamento vivo à partida (enquanto existia, o fôlego foi gasto generosamente), surgindo em plena luz o entendimento da sua defesa, e não deixando igualmente de aparecer a regular colaboração na linha ofensiva. Porque é preciso dizer isto — que é muito. O Vitória (Guimarães) desenvolveu um trabalho, durante largo período, em para orientação de ataque.

O Sporting está a persistir no jogo lento e demorado. O futebol mais fácil de desfrutar, mesmo quando o adversário tem menos classe. Avançado que é lento, que não despacha a bola com a necessária urgência, será fatalmente desarmado, se não à primeira intervenção, dá a pouco. Exactamente, a passagem de Barrosa para o centro da linha medular tornou o conjunto mais vivo, dando-lhe o que lhe faltava: movimentação rápida, velocidade na passagem e alegria de jogo. Foi a grande fase do Sporting, durante a qual o team funcionou com brilho. Vendo-se nitidamente, ao menos numa nesga de tempo, a solidez de um grupo de características magníficas. Apesar de tudo — magníficas. Sugeita a duros esforços, a defesa de Guimarães, já acedida durante o decorrer da partida, cedeu, rinda que em glória. O Sporting venceu. Arrancando os três pontos da ordem a ferros.

De todos os desfilios da jornada, o de Coimbra foi aquele em que o vencedor conseguia o resultado com mais facilidade. Caso tanto mais para rellctir quanto é certo isto: a Académica, tendo ganho, revela a existência de pontos que continuam a ser as suas fraquezas. Julgamos que o team vai ser conlido, ou já foi, ao nosso amigo e competente técnico, sr. Albano Paulo. Decerto, ele estandar os problems do team procurando a melhor solução. Trata-se de um problema difficilissimo — sobretudo quando há falta de jogadores. Não andaremos longe da verdade dizendo que a Académica, vendo os seus problemas do presente, terá em vista especialmente o futuro.

BASKETBALL COMENTÁRIOS À 10.ª JORNADA DO CAMPEONATO DE LISBOA

Importância dos lucros livres

VENCE quem marca maior número de pontos. Esta verdade, que não tem contestação, parece esquecida dos praticantes de «basket». Mas não são só os pontos, marcados após jogadas melhor ou pior delineadas, que deverão interessar: a transformação de lances livres também tem de pesar no espírito dos jogadores, pois dela depende, muito frequentemente, o resultado de um encontro. E o Atlético e o Belenenses que o digam: o primeiro, forçando um empate com o Carnide; o segundo, porque lhe deu a vitória sobre o Algés.

É elevada a percentagem de lances livres perdidos, o que faz lembrar que este pormenor tenha estado descurado pelos praticantes. É porque são raros os jogadores que, de maneira regular, transformam em pontos os lances marcados, ha que distinguir o nome de Rómulo Trindade, o esforçado jogador do Belenenses, pelos sete lances que transformou de oito que lançou, contribuindo em muito para aliegar a vitória da sua equipa, obtida pela diferença de oito pontos.

Igualmente o empate que o Atlético impôs ao seu velho rival — o Carnide, foi obtido no momento derradeiro, quando Neves transformou em pontos os dois livres que lhe coube marcar.

Esperemos que o campeonato nacional de lance livre, a disputar brevemente, proporcione a demonstração do progresso e da firmeza que tanto são de desejar.

*

Das quatro partidas que a 10.ª jornada do campeonato de Lisboa comportou, Atlético-Carnide e Lisgás-Cuf sobressairam pela qualidade do jogo e pelo entusiasmo com que foram disputadas. De domínio alternado, a atenção esteve sempre presa pelos momentos de incerteza oferecidos no desenrolar das partidas, se bem que, na 1.ª parte, tanto a Cuf como os «atléticos» tenham tido maiores probabilidades para triunfar. O andamento que os seus adversários imprimiram ao encontro, no segundo tempo, depressa anulou as vantagens adquiridas; o Lisgás, em especial, teve um período brilhante, em que sobressaiu o excelente entendimento entre Parada e Domingos Vicente.

O Carnide viu a vitória fugir-lhe no momento decisivo, devido ao facto já apontado; frize-se que, no decorrer do encontro, os «carnidenses» desperdiçaram de continuo a marcação de livres, ao passo que o Atlético conseguiu, apesar de tudo, transformar 10 dos muitos que lançou.

Os «leaders» do campeonato, Belenenses e Benfica, tiveram nova exibição inferior às suas responsabilidades, se bem que qualquer deles avertisse vitórias, umas delas bastante preciosas: a que o Belenenses obteve sobre o Algés — que também não teve exibição meritória, talvez atemorizado com a responsabilidade que a partida lhe oferecia. Ceia e Cruz

(Continua na pág. 15)

O Fluvial Portuense e o seu pósto náutico

O velho e glorioso Clube Fluvial Portuense convidou os jornalistas para uma visita ao seu pósto náutico, instalado num prédio em conclusão, mas de sua propriedade, junto da margem esquerda do Douro. Por motivos estranhos à vontade do Clube, alguns jornalistas receberam o convite tardamente, registando-se falhas, mas que em nada diminuem o interesse com que o Fluvial é olhado pela imprensa.

Está a sua direcção, à qual preside Alípio Dias — das maiores dedicações pela colectividade, a procurar levar a cabo as obras das instalações do pósto náutico, obras essas que devem exigir ainda anuidada importância. Não tem o clube receitas próprias, ou forma de as obter internamente, para produzirem o bastante que permita dar realidade aos seus desejos.

É, portanto, necessário o auxílio de elementos estranhos ao Fluvial — clubes, associações e individualidades que conheçam a obra do Fluvial e que se disponham a ajudá-lo a vencer um momento decisivo na sua larga história.

Pensa-se na organização de jogos de várias modalidades, daquelas que têm público numeroso. Para esse efeito, seria necessário que os clubes, compreendendo bem a situação do Fluvial, viessem junto dele, com espírito de solidariedade altamente louvável — e até numa prova de nobre desportivismo, para que a efectivação desses jogos pudesse ser uma realidade.

Mas não se limita a isto a campanha que o Fluvial pretende pôr em acção. Outros pormenores surgirão, para os quais se pedirá o carinho dos desportistas.

Atendendo a todas estas razões, e sabendo-se que o Fluvial é uma instituição que já mereceu as maiores distinções do Estado e de outras entidades oficiais, lógico será prever que o seu apelo não foi lançado em vão.

É isto o que se pretende. Ao fazer-se eco dessa solicitação do Fluvial, a Imprensa não faz mais do que concorrer, dentro da sua missão, para que os desejos do esforçado clube possam ser coroados de êxito.

Por estes motivos, e pela simpatia de que o Fluvial goza nos meios desportivos portuenses, é de esperar que todos se prestem a colaborar, para que a velha colectividade veja satisfeitas as suas justas aspirações.

ACADEMIA NACIONAL DE RÁDIO

APRENDA RÁDIO
por correspondência

Peça folhetos grátis à Academia Nacional de Rádio

Av. Dr. Manuel Larangeira, 12
PÓRTO

Stadium

Capital do Noite

A prova de "corta-mato"

a primeira das três organizações da nossa revista visando dar incremento ao desporto portuense

disputa-se no domingo, nas Cavadas

A exemplo do que sucedeu no ano passado com a época de atletismo puro, também agora cabe à nossa revista a iniciativa de promover a abertura oficial da época de inverno da modalidade na capital do Norte, com uma prova de «corta-mato», à qual deve concorrer cerca de uma centena de praticantes, representando os nossos melhores clubes.

Domingo, pelas 10 horas, no campo das Cavadas, gentilmente cedido pelo Estêrel Vigorosa Sport, a especialidade vai ressurgir, após duas épocas de lamentável apatia, mercê de uma iniciativa da Stadium. É com e a dar-se-á início ao programa oficial da A. P. A., cujo organismo tam de demonstrado o firme propósito de fazer movimentar a saziar especialidade do «corta-mato».

Estão inscritos os melhores atletas, sem distinção de categorias, do F. C. do Pórtio, Académico, Salgueiros, Vigorosa, Operário, Sporting da Póvoa, Villanovense, Atlético da Azeosa e Académico de Braga. Entretanto, aguardam-se novas inscrições, pois o respectivo prazo só será encerrado amanhã, à noite, na sede da A. P. A.

A avaliar pelo ambiente de entusiasmo que se nota em redor desta nossa organização, é legítimo esperar que ela alcance o resultado do êxito — e assim os nossos propósitos serão atingidos.

Como temos dito, as inscrições são absolutamente gratuitas. Ao clube que melhor classificar dez atletas será atribuída a taça Joaquim Moreira Júnior — nossa homenagem ao dedicado propagandista da especialidade. Aos seis primeiros concorrentes da classificação geral atribuiremos artísticas medelhas.

O percurso será traçado na distância de 2.500 metros, aproximadamente, acessível portanto aos atletas de todas as categorias e recomendável numa altura como esta, em que não existem ainda, entre nós, verdadeiros especialistas.

Verifica-se, pois, que procurámos cuidar de todos os pormenores desta organização, de maneira a que ela traga fartos proveitos à propagação da modalidade. Só isso nos interessa.

NOTAS DA SEMANA

1945...

Entrámos em Novo Ano. Para Lisboa, êle obriu bem, com um encontro internacional numa modalidade que recebeu agora o seu baptismo: o «handball». Para o Pórtio, traz também promessa semelhante para o «basketball», no jogo entre as seleções do Pórtio e da Galiza. Apresenta ainda a concretização de um sonho: o estêdio do F. C. do Pórtio. Não se pode dizer, por isso, que venha despido de bons auspícios para o desporto portuense...

Que êle represente a realização prática de tantas quimeras ambicionadas — são os nossos fervorosos desejos.

O mau gosto de um nome...

De há muitos anos que a palavra «Amoreira» é, para o campeão portuense de futebol, sinónimo de envergadura.

No tempo do campo das Amoreiras, propriedade do Benfica, de cada vez que o F. C. do Pórtio ali tinha de apresentar-se, fazia-o de credo na boca, pelo desabar de ilusões que os jogos naquele rectângulo representavam. Houve aê um crítico muito conhecido nesta cidade que abriu um dia a sua apreciação a um encontro realizado entre o Benfica e o F. C. do

Pórtio, com o seguinte título: «Aquêle campo das Amoreiras»...

Foi-se o terreno do Benfica — e surgiu um outro que, com idêntico nome, continua a ser a «sombra negra» dos portuenses. Trata-se do campo da Amoreira, propriedade do Estoril Praia. Os rapazes de camisola «azul-branca» estão já a ter «azer» com o terreno — e os factos comprovam-no...

Podemos garantir e documentar esta asserção com um incidente ocorrido no último jogo que o F. C. do Pórtio ali efectuou. Além de tudo o mais, que não vem para o caso, aconteceu um facto que diz tudo: quando se obriu a meia que levava as equipas e bolas dos jogadores, a bola apareceu rebentada... Safa!...

Em plena preparação...

Dentro de dias deve realizar-se o primeiro treino da selecção portuense que enfrenta, em 31 de Janeiro, o conjunto galego, no jogo com que se realiam as relações e o intercâmbio desportivo entre o Pórtio e a vizinha Galiza. Há já diversos jogadores convocados, devendo aquêle treino efectuar-se no dia 18.

Iniciaram-se também já os treinos para a constituição do grupo portuense de «basketball» que há-de enfrentar a equipa galega da mesma modalidade. Está encarregado dessa tarefa Joaquim Alves Teixeira, conhecido crítico e dirigente, cujo nome é uma promessa de bom trabalho.



A BELEZA DO CAMPISMO

O campismo tornou-se um dos desportos favoritos da juventude. De ano para ano mais se desenvolve e cria adeptos no nosso País, graças ao trabalho de meia dúzia de núcleos que se dedicam a tão bela como sã actividade, e através de excelentes jornadas de propaganda, que vão desde as exposições, palestras e sessões de cinema, aos curiosos acampamentos. Assim têm demonstrado os benéficos que a vida ao ar livre oferece a todos que queiram e saibam praticá-la.

Entre aqueles núcleos, a «Caravana Campista de Lisboa» tem contribuído muito para o êxito de tal propaganda — que desenvolve pelo exemplo e até pela colaboração que gentilmente nos oferece, de vez em quando, facultando-nos fotografias que ilustram as nossas páginas.

As de hoje referem-se ao último acampamento-volante-pedestre, efectuado há pouco para comemorar o seu 2.º aniversário, tendo os seus componentes visitado Tomar, Prado, Lapas, Santa Cita, Moínho Novo, Foz (Nabão, Casal de Pero Farinha, Casal do Rei (Zezere), Constância, Praia do Ribatejo e Almourol.

Foram quinze dias de bom campismo, em permanente contacto com a natureza pungente e aliciadora!

Nas gravuras:

1 — Duas épocas: 1171-1944 — um sonho de oito séculos! É o que o histórico castelo de Almourol sugere ao campista... 2 — Encastoadas no romântico ambiente do Parque de Campismo do sr. eng. Santos Simões, em Tomar, as tendas, com o seu leve manto de orvalho, brilham ao sol. 3 — Outro

documento impressionante da beleza que o campista pode gozar. 4 — Vida tranqüila ao ar livre, num cenário de choupos e salgueiros, que extasia quem acampa no Moínho Novo. 5 — Os activos componentes da «Caravana» que tomaram parte no acampamento-volante de Tomar a Almourol: Fernando Pereira e esposa; Manuel Carvalho da Silva e esposa; e D. Deolinda Gomes da Gomes da Silva, seu filho Fernando e seu esposo, Leopoldo Gomes da Silva.

(Fotos Fernando Pereira)



A Visita dos Jogadores Madrilenos de Handball



Os jogadores do Kossio, após a chegada



Em passeio pela Avenida



O Comissário Nacional da M. P., sr. dr. Soares Franco, durante a visita que lhe fez o delegado espanhol sr. Hildebrand; estão presentes o cap. Marques Pereira e o Inspector de Desportos dr. Salazar Carreira



A recepção na Câmara Municipal



No jantar íntimo oferecido pela Direcção Geral de Desportos ao representante da Delegação Nacional Espanhola e mais dirigentes do handball madrileno e lisboeta



Os convivas ao jantar oferecido pela Federação

Hockey em campo: Fase do jogo Benfica (B)-Belanenses disputado no domingo, no Campo Grande



Os novos corpos gerentes da Associação de "Tennis" de Mesa e cuja posse foremos referência no próximo número.



O 2.º aniversário da STADIUM

CONTINUAMOS hoje a arquivar nas nossas colunas as amáveis referências que registamos a propósito do 2.º aniversário da *Stadium*. A todos quantos nos distinguiram com a gentileza das suas felicitações pedimos nos relevem o facto do nosso agradecimento não ter sido imediato, mas a falta de espaço com que lutamos a isso nos obrigou.

Voltemos a recortar palavras publicadas por alguns estimados camaradas de imprensa:

Do Diário de Lisboa:

Compluto dois anos a excelente revista «Stadium», revista sua nova fase, lucidamente orientada, com magnífica colaboração e aspecto gráfico muito interessante. Constitui, realmente, uma tarefa valiosa manter tão perfeita publicação num meio como o nosso, de muitos adeptos mas pouco dado a leituras desportivas. «Stadium» encontra-se, no entanto, em pleno desenvolvimento. O seu director, dr. Guilherme de Matos, e os seus redactores, juntam-se depois de amanhã num jantar de confraternização, festejando os dois anos de publicação.

De A Voz Desportiva, de Coimbra:

Com um excelente número especial de 32 páginas recoberto de óptimas gravuras e colaboração escolhida, comemorou o seu segundo aniversário a única revista desportiva portuguesa, sem dúvida do melhor que na especialidade se tem feito no país.

Cumprimentando o seu Corpo Redactorial formulamos os desejos sinceros de muitos aniversários a bem do desporto português.

Do Sport Lisboa e Benfica:

Com a publicação do n.º 106, da II série, completou dois anos de existência a revista desportiva «Stadium». Trata-se de uma publicação gráfica, única que na especialidade se publica entre nós e que, graças ao esforço e tenacidade dos seus proprietários e redactores — alguns dos melhores jornalistas do género — tem marcado a melhor posição, quer pelo seu aspecto excelente, quer pela variedade e cuidada exposição dos assuntos tratados nas suas colunas.

O número especial comemorativo da entrada no terceiro ano de existência apresenta-se com o costumeado belo aspecto e lúscos artigos do maior interesse para a causa desportiva.

A péla nosso brilhante colega dirigimos o mais entusiástico e sincero parabem.

Dias depois, o nosso colega *Os Sports* brindava-nos também com uma muito amável referência:

«Stadium», a antiga revista de actualidades desportivas — com a qual procurámos sempre manter a camaradagem devida a quantos militam na mesma causa — festejou no dia 13 do corrente a passagem do 2.º aniversário da sua nova fase de existência. Para o efeito publicou um número especial de 32 páginas, em que crónicas, entrevistas e curiosidades realçavam entre a acolhida documentação gráfica.

A fim de vincular mais expressivamente o auspicioso acontecimento, o corpo redactorial da «Stadium» reuniu-se num banquete de confraternização para o qual foram também convidadas várias individualidades em relevo no meio e alguns dos mais distintos camaradas da imprensa desportiva, como os srs. dr. José Pontes, de «O Social»; Ricardo da Silva, de «Diário de Notícias»; Tavares da Silva, do «Diário de Lisboa» e Ricardo Ornelas, do «Diário Populares».

Ao que nos dizem a festa decorreu em ambiente de grande alegria, tendo alguns oradores proferido eloquentes discursos em que pairou alto a féda da camaradagem e da lealdade entre jornalistas.

«Os Sports» apresentam à revista «Stadium» e seus brilhantes ornamentos, os parabens por mais este ano de existência e os votos de longa vida com orientação proveitosa para o desporto.

A propósito da festa de confraternização dos redactores da *Stadium*, disse o *Diário de Lisboa*.

«Stadium», a doce revista desportiva que se publica em Portugal, o que só por si constitui uma afirmação, completou dois anos de existência nesta nova fase, festejando a data com um número muito interessante e com um jantar de confraternização que reuniu os que dedicadamente trabalham na revista — e são todos — e alguns convidados de honra.

Presidiu o sr. dr. Salazar Carreira, em representação do sr. director geral dos Desportos, vendo-se nos lugares de honra os srs. dr. Guilherme de Matos, Amadeu Seabra, capitão Simas, Mário de Noronha, dr. José Pontes, Ricardo Ornelas e R. Belo da Silva.

Falaram nos brindes várias pessoas. Mas o que interessa especialmente focar é o reconhecimento de todos pela obra da «Stadium», de que o chefe de redacção o nosso antigo colaborador Avelar Machado, e ainda a opinião unanime de que a conhecida revista, sem alardes, antes modestamente, exerce já salutar influência na vida desportiva portuguesa, divulgando a doutrina e versando todos os assuntos com seriedade e rectidão.

E o Diário de Notícias:

Num restaurante típico da cidade, efectuou-se ontem um banquete de comemoração do segundo aniversário da revista «Stadium», que reuniu, além dos redactores deste semanário, vários convidados, entre os quais os srs. dr. José Pontes, cap. Norberto Simas, Mário de Noronha e o nosso camarada de redacção Rebelo da Silva.

Presidiu o sr. dr. Salazar Carreira, representando o Director Geral dos Desportos.

Falaram os srs. Avelar Machado, dr. Salazar Carreira, dr. José Rebelo da Silva, Eduardo Soares, dr. Guilherme de Matos e João Dias.

Da *Natura*, a conhecida e útil revista de saúde e educação física, recebemos também um amável officio, assinado pelo seu director, sr. Bonifácio Antunes, do qual nos permitimos transcrever as seguintes passagens:

É com imenso prazer que venho saudar, na pessoa de V. e no seu brilhante corpo redactorial, a simpática e muito apreciada revista *Stadium*, que hoje comemora o 2.º aniversário da sua saída à publicidade. Longa vida e prosperidades em prol das melhores condições físicas do nosso Povo, são, pois, os meus sinceros votos e os da revista *Natura*, que tenho a honra de dirigir.

*

Por sua vez, as colectividades desportivas tiveram igualmente a gentileza de nos enviar os seus cumprimentos. Imediatamente após o aparecimento do número comemorativo do nosso aniversário, recebíamos na redacção um expressivo telegrama do simpático Carnide Clube, no qual os seus esfregados dirigentes nos transmitiam os seus efusivos parabens, com votos de inúmeros êxitos.

Depois, coube a vez ao popular Atlético Clube de Portugal. Um amável officio informava-nos de que na reunião de direcção de 13 do corrente fôra resolvido, por unanimidade, apresentar ao nosso director, com os cumprimentos do Atlético C. P., «as mais vivas e sinceras felicitações pelo aniversário dessa prestigiosa revista, apeteceendo-lhe as maiores prosperidades.» E acrescentava-se: «Digne-se V., pois, aceitar os parabens efusivos do Atlético Clube de Portugal».

A direcção da Associação de Handball de

Lisboa escreveram-nos apresentando «os seus cumprimentos à *Stadium* pela passagem do seu aniversário, desejando-lhe longa e próspera carreira».

O Clube Internacional de Futebol e o Olímpico Clube de Portugal enviaram-nos também, com cordais saudações, os seus parabens e votos de prospera vida e felicidades.

Outro officio deveras cativante pelos termos em que foi redigido recebemos da Secção da Juventude Operária Católica de Abrantes. Nêle se expressam também felicitações, fazendo votos por que a *Stadium* «prosperes cada vez mais, para bem do Desporto Nacional».

De todos os pontos do país, os nossos estimados leitores quiseram te também a gentileza de nos afirmarem a sua solidariedade e estima, numa manifestação espontânea que muito nos sensibilizou. São inúmeras as cartas, bilhetes e telegramas que caíram sobre a nossa mesa de trabalho.

O sr. Adolfo Basto Correia, das mais illustres figuras do desporto portuense, dirigiu ao nosso chefe de redacção uma amabilíssima e penhorante carta, na qual, agradecendo as justas referências que lhe fizemos e à sala de armas do Sport Clube do Porto, faz votos pela prosperidade da *Stadium* e para que «um novo surja brilhante para esse campeão da causa desportiva».

Alguns dos nossos prezados leitores capricharam em nos escrever palavras amabilíssimas e outros escolheram até postais ilustrados com motivos desportivos, em cujos desenhos intercalavam palavras de saudação. Nestas condições registamos os nomes dos srs. José Brito, de Coimbra, que diz ser a *Stadium* a publicação da especialidade «que mais prazer tem em admirar, pela forma como defende o desporto nacional»; os srs. Joaquim de Oliveira

(Conclui na página seguinte)

VIDA DESPORTIVA

DUAS NOTAS POR SEMANA

NO ESTRANGEIRO

PARA os países que se esgotam na sanha insaciavel das iras de Moloch, os tempos vindouros afiguram-se tenebrosos e difíceis, negra continuação das horas cruéis que atravessam. A guerra, cega e implacável ceifeira, derruba a esmo nas fileiras da melhor mocidade, defraudando as esperanças geradas nos esforços de longa e cuidada obra educativa; as consequentes privações, a inquietude constante, a destruição e a ruína, completam as tenebrosas perspectivas, minando e cercando energias vitais às gerações que despontam ou às que não galgaram ainda o escalão da infância.

Nestas circunstâncias, não admira que a preocupação dominante de todos os dirigentes responsáveis pelo destino desses povos atormentados seja o cuidado pela saúde e pelo fortalecimento físico das reservas humanas que hão-de preencher as fileiras desfalcadas da juventude de agora.

A Alemanha, a Inglaterra, os Estados Unidos, nunca cessaram a sua actividade desportiva intensa e verifica-se no presente que as nações que começam a poder dispor de novos seus destinos consagram as primeiras atenções ao problema fundamental da educação física.

A França, por exemplo, nomeou já o seu Director Geral de Educação Física e Desportos, cujas primeiras declarações sobre projectos a realizar focaram a necessidade de pôr em acção todos os meios tendentes a sustentar a diminuição de vitalidade da raça francesa.

A nota Direcção Geral — que reúne três secções essenciais: educação física escolar e universitária, serviços de cultura física para trabalhadores, e desporto — determinou como primeira medida reformadora a atribuição de cinco horas semanais, nos programas dos Liceus, para as práticas de educação física, sendo duas delas destinadas a exercícios ao ar livre.

EM PORTUGAL

O assunto desta semana é um caso de há muitas semanas, mas para o qual é sempre oportuno chamar a atenção: a mais de meio caminho do campeonato regional, as categorias inferiores de basketball do Clube de Futebol «Os Belenenses» ainda não perderam nem empatarem um único dos seus encontros officiais.

Esta circunstância poderia parecer estranha se não fosse a confirmação de uma superioridade que, embora menos absoluta, transita já há alguns anos de época para época.

Qual é então o segredo do Belenenses? Nenhum, porque os processos graças aos quais attingiu tão laureáveis resultados encontram-se ao alcance de qualquer: cultivou e preparou novos jogadores.

Nas suas equipas inferiores não predominam os velhos praticantes que passaram à reserva por falta de recursos para continuarem no activo; o que nelas se encontra quasi em totalidade é gente moça, verdadeira reserva de esperançosos valores, que em futuro próximo poderão substituir sem prejuizo qualquer falha verificada nos actuais melhores.

Lemos há dias, no diário espanhol «GOL», um preceito que não mais nos esqueceu: «Todo o desporto que descure da formação de elementos novos está condenado a morrer».

O basketball belenense pôs em prática a doutrina e tem a vida assegurada — doutrina que corresponde aliás à orientação moral superiormente aplicada ao desporto português.

As colectividades desportivas desempenham missão educadora: são células activas de um organismo, todas contribuindo para o desenvolvimento comum e nenhuma no direito de viver em situação parasitária do labor alheio. «Produzir para progredir».

A secção de basketball do Belenenses está seguindo à risca a directriz apontada pelo chefe do desporto nacional.

Iniciativas da STADIUM

Ecos do "Curso de Ciclistas"

ESTA ainda presente no espírito de todos o êxito registado pelo «Curso de Ciclistas», promovido pela nossa revista sob a competente orientação de Gil Moreira, nosso estimado companheiro de trabalho. Além das elogiadas referências feitas pela imprensa portuguesa, que oportunamente assinalámos e agradecemos, encontramos agora, no jornal «Deportes», de Valência, um curioso comentário, sob o título de «Um curso de aperfeiçoamento para ciclistas, em Portugal», publicado no seu número de 20 de Novembro último e que transcrevemos com a devida vénia:

«A revista portuguesa Stadium teve a original ideia de organizar um curso de aperfeiçoamento para ciclistas de todas as classes e categorias. Não se trata de ensino de carácter técnico, que pretende elevar a prática do ciclismo de corrida e competição a um nível mais alto que o actual.

A sessão inaugural teve lugar na sede da União Velocípica Portuguesa e foi presidida pelo sr. Silazar Carreira, em representação do Director Geral de Desportos em Portugal, assistida pelo dr. Guilherme de Mattos, director da Stadium, Avelar Machado, redactor-chefe do dito semanário, e Raúl de Oliveira, director do jornal «Os Sports».

O sr. Mattos, depois de cumprimentar as autoridades presentes, definiu a orientação do curso e os fins que se querem obter com o mesmo. Agradeceu a valiosa cooperação da União Velocípica e apresentou por fim Gil Moreira, que em dez horas, valia ministrando aos ciclistas portugueses os conhecimentos gerais e indispensáveis à prática do desporto do pedal. Gil Moreira deu a seguir a sua primeira conferência, seguida atentamente e com mostras de satisfação pelos inúmeros concorrentes, entre os quais figuravam vários aces do ciclismo português.

Não há dúvida de que a ideia é original e se se generaliza a sua prática poderíamos ter em Espanha algumas escolas de ciclismo, a cargo de sábios professores. No inverno dar-se-iam as classes teóricas e no verão, por ocasião das inúmeras voltas ciclistas, as práticas, às quais compareceriam os professores. E poderia dar-se o caso de que, aproveitando algumas das suas subidas a pino para o prêmio da montanha, o professor, colocado convenientemente no cimo, dissesse a alguns «eis sudoroso: «Não gostei do seu modo de pedalar. Queira voltar a subir a rampa e procure manter melhor o ritmo dos pedais...»

Além disso, não vemos inconveniente em que esta ideia se estenda a toda a espécie de desportos e assim teríamos academias de futebol, de ténis, de boxe, natação, etc., até constituir a Universidade dos Desportos.

Gratos aos nossos estimáveis camaradas de «Deportes» pela sua elogiada e desenvolvida referência, vem a talhe de foice afirmar que Stadium tem realmente em projecto outros cursos e ideias afins para mais modalidades, entre as quais algumas das menos favorecidas do favor público — mas bem úteis no panorama geral da causa da educação física. Temos, porém, de esperar melhores dias, posto que aqueles em que vivemos não são de molde a proporcionar-nos as necessárias condições materiais de exequibilidade.

Esperemos. O nosso programa, já cuidadosamente traçado, há-de ser pôsto em execução na altura própria — dentro da nossa divisa: «Mais e melhor»!

*

Pedro Montalvo, o nosso camarada que tem a seu cargo a secção desportiva de actualidades «Esfera», dedicou também ao «Curso de Ciclistas» da Stadium algumas palavras de elogio. Depois de se referir com palavras justas à competência de Gil Moreira, citou o interesse que envolveu a nossa iniciativa e sublinhou o êxito que registou, concluindo por afirmar:

«É uma modalidade nova em Portugal no aspecto de divulgação desportiva (só se tinham feito palestras isoladas), um verdadeiro curso de aprendizagem para quem precisa ser ciclista ou saber, pelo menos, como é e o que é a velocipédia nas suas diferentes fases. O desporto fica devendo a Stadium e a Gil Moreira um grande e inestimável serviço.»

Doutrina Nacional

O «Bolletim de Secção de Remo de Associação Naval de Lisboa» teve a gentileza de transcrever, no seu n.º 4, relativo a Novembro último, o artigo Doutrina Nacional que publicámos em 15 do referido mês, acompanhando a transcrição com palavras de apreço — que registamos com prazer, por serem de uma colectividade desportiva de glorioso passado e tradições brilhantes. Os nossos agradecimentos.

O 2.º aniversário da STADIUM

(Continuação da página anterior)

Marques e Carlos Matos, de Lisboa, e Joaquim Nunes Ponte, Aurélio de Sousa e António da Silva Figueiredo, do Pôrto, com referências elogiosas ao espírito construtivo que nos anima e referências especiais aos artigos de técnica e doutrina que sempre se podem apreciar na Stadium.

Também se nos dirigiram em termos penhorantes os srs. José Chaves, de Braga; João de Oliveira, de Valença do Minho; Artur M. Silva, de Vila Real; C. Teixeira, de Bragança; Carlos Costa, de Vieira; A. Antunes, de Chaves; Manuel Pinto, de Portalegre; João Casimiro, de Guimarães; C. Oliveira, de Mortagua; Silvestre Silva, de Évora; M. de Viegas (J), de Vila Real de S. António; N. Ribeiro, de Caldas da Rainha; Filipe Matos, de Leiria; M. Pinto de Sousa, Joaquim Viegas, J. Oliveira e Sousa, «Um estudante», António Garcia e Manuel Fernandes, de Coimbra; Carlos Sousa, M. Silvério, Joaquim Pratas e Aderito (P) Silveira, de Setúbal; Carlos Lopes, da Covilhã; Pedro Aguiar Matos, de Beja; Pedro F. Silva, da Figueira da Foz; Fernando Tavares, de Santarém; Francisco Silva, de Vila do Conde; «Um tripeiro que vive o desporto na sua terra através da Stadium», de Faro; J. Mena e Costa, do Estoril; Carlos Sousa da Costa, de Sintra; Francisco Silva, de Tomar; e F. V. Paulino, de Lagos.

Alguns destes nossos amigos fazem referência às esplendidas fotografias que a Stadium oferece sempre aos seus leitores; às reportagens que dedica a todos os clubes, sem cuidar se são grandes ou pequenos; a um «furioso pelo jogo do sóco» felicita-nos e refere-se elogiosamente às crónicas de Rafael Barradas, que considera «as mais sabedoras, com a vantagem de ensinar bastantes coisas que muitos não sabem»; e às crónicas de atletismo do dr. Salazar Carreira, «brilhantes e verdadeiros tratados, que todos os adeptos da modalidade, especialmente os que vivem afastados dos grandes centros, lêem com prazer e proveito.»

A todos, bem sinceramente, protestamos o nosso maior reconhecimento.

BASKETBALL

(Continuação da página 11)

mostraram-se incapazes de rendimento satisfatório e as suas substituições, por Camara e Sousa e Natálio (a que se juntou a participação de Mendes), puderam suprir, embora deficientemente, os dois esplendidos titulares.

A nova derrota do S. A. D. vem numa altura em que o rendimento da equipa se pode considerar satisfatório e apurado o entendimento entre os seus componentes.

Se estes se mostrassem mais afoitos e optimistas, não debarriam a adversidade que o grupo atravessa? A sua actuação na primeira volta faz-nos crer que sim.

A vitória dos «encanados» veio tarde, no momento em que quasi se descreia já das suas possibilidades. «Aguias» e «leões», jogando de igual para igual, passaram quasi toda a partida com o marcador a oscilar para ambos os lados; a melhor técnica superou a melhor vontade — e o Benfica, nos últimos minutos, não teve mais que apontar as bolas ao cesto, para alcançar uma vitória que a sua melhor classe justificava.

JOÃO ASSUNÇÃO

Sr. desportista!!!

O uso do tabaco é um vicio dos mais prejudiciais. Os seus terríveis efeitos optem-se ao revigoramento do fisico e torna-os inaptos e incapazes para as praticas e competições desportivas. Combata-o eficazmente com o

Elixir anti-fumante

Frasco 5\$00 Pelo correio 7\$00

A venda em Lisboa, SIR, rua dos Fanqueiros, 202, 2.º, di.º; no Pôrto, Azoude & Mergulho, Limitada, rua Maranhão da Silveira, 22.

Mocidade Portuguesa

A nova Inspeção do Desporto Universitário

Acaba de ser criada na Organização Nacional da Mocidade Portuguesa, uma nova inspecção, para o Desporto Universitário, designadamente com a missão de orientar as actividades desportivas dos estudantes universitários e de organizar os respectivos campeonatos.

Para dirigir a nova inspecção foi convidado o sr. major dr. Jorge Cesar Com. lente de Escola do Exército e distinto desportista, que se tem salientado com brilho em diver as modalidades, designadamente no hipismo e na esgrima — nesta última ainda há pouco reunido o triplice título de campeão nacional de florete, espada e sabre.

Oxalá que a nova inspecção e o seu illustre dirigente possam resolver algumas das dificuldades que se verificaram últimamente na actividade de porvir dos universitários.

HANDBALL

(Continuação da pág. 2)

Vejam agora o grupo português: J. Almasqué, Jaime Silva e Natividade; Macara, Miranda e Correia Cesar; Armando Pereira (depois Luis Neves), Pimenta, Tomás, Vicente e Matos Moura.

Não é justo desmanchar com referências individuais o bloco perfeito da nossa bela equipa; a sua demonstração de jogo foi das mais perfeitas a que temos assistido em Portugal e despertaram o entusiasmo do público numeroso que, por certo, ficou com desejos de voltar ao «handball».

Porque é indispensável salientar nomes, ou consagrar a cada um sua referência, diremos que Almasqué não cometeu erros e luziu algumas intervenções durante a segunda meia-hora; Jaime Silva mereceu lugar entre os melhores dos bons que todos foram; e Natividade foi o homem que sempre é nas ocasiões de maior responsabilidade. Apontam-se-lhe em desabono algumas entradas em falta, sem dureza nem maldade, mas inúteis e desbantes no ambiente de fraternal camaradagem em que decorreu a partida.

Na linha média, tanto Miranda como Cesar, tanto Cesar como Macara, prestaram sólido apoio à defesa e inteligente iniciativa ao ataque.

Na frente, Vicente e Tomás merecem 20 valores, e quasi outros tantos Matos Moura; Pimenta não teve a sorte do jogo por ele e por isso o seu esforço não impressiona tanto como em outras ocasiões. Pereira foi, de todos, o menos feliz e a sua substituição por Neves valorizou o conjunto.

Arbitrou Carlos Lanceiro, imparcial e competente; apontamos-lhe apenas dois ou três castigos aplicados contra a equipa de Lisboa mas com evidente beneficio do infractor.

JOSÉ DE EÇA

Um sarau desportivo

no Coliseu dos Recreios a favor do «Socorro de Inverno»

ESTÁ a despertar justificada curiosidade o sarau desportivo que se efectua, no proximo dia 15 a noite, no Coliseu dos Recreios.

Embora não esteja ainda totalmente delineado, sabe-se já que o programa será esplendido, pois nele figuram, a cargo dos alunos da Escola do Exército e do Colégio Militar e dos ginastas e atletas do Gimnástico Clube, Ateneu Commercial, Lisboa Gimnástico e F. N. A. T.

A festa será arribalhada pela banda da Guarda Nacional Republicana, dirigida pelo maestro sr. tenente Alves Ribeiro.

Ano III — Lisboa, 4 de Janeiro de 1945 — II Serie — N.º 109

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º

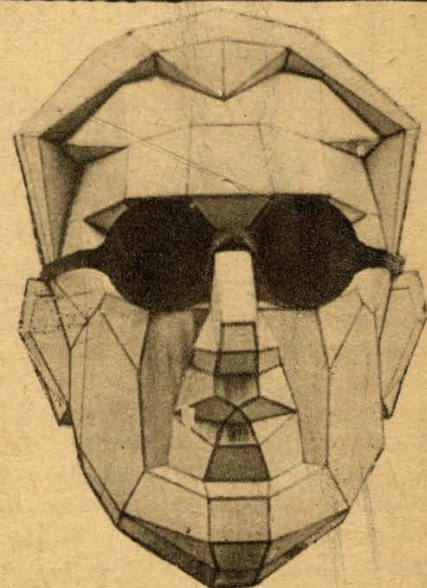
TELEFONE 5 1146 — LISBOA

Execução gráfica de NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

F. C. PORTO-BENFICA:

1 — Barrigana, auxiliado por Camilo, defende uma bola alta; 2 — Como o "keeper", portuense conseguiu salvar um tento que parecia feito; 3 — Espírito Santo é desarmado por Camilo no momento preciso do remate; 4 — A disputa da bola entre Gaspar Pinto e Correia Dias; 5 — Lourenço e de novo Gaspar Pinto em luta



POUPE A SUA VISTA!

Use só lentes de 1.ª qualidade

**Binóculos, Barómetros,
Bússulas de marcha, etc.**

Casa especializada — Fundada em 18

GIL OCULISTA

TELEFONE 2 2929 — 138, Rua da Prata, 1